

Livros

Os irreduzíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*

de Daniel Bensaïd

Proposições teórico-políticas para um debate inadiável

por Pedro Henrique Carinhato e Silva**

O livro analisado, escrito em janeiro de 2001, mas traduzido para o português apenas em 2008 é, a um só tempo, um livro de discussão epistemológica e um conjunto de escritos ou recursos para um embate político.

Daniel Bensaïd, filósofo e ativista político francês, destacou-se como um dos líderes do Maio de 68 ao militar na Juventude Comunista Revolucionária, além de ser um escritor bastante produtivo. Sem dúvida, trata-se de um teórico marxista no sentido pleno da palavra, que sempre se pautou pela ligação entre teoria e prática.

O primeiro teorema ou capítulo, “A política é irreduzível à ética e à estética” retoma o *locus* privilegiado da política em meio aos óbices impostos pelo horror econômico e pelas lamúrias de um moralismo inseqüente. O autor demonstra a incompatibilidade entre a política como estratégia e a necessidade econômica. A ação política, segundo o autor, tem seus lugares e seus ritmos próprios e não são redutíveis às determinações da mobilidade do capital. Ademais, a luta política “se infiltra” na luta social, é fomentada no social, nas resistências à repressão, nas sublevações que tornam sujeitos passivos em ativos. Por conseguinte, afirma o autor:

A dialética da emancipação não é uma marcha inevitável rumo a um fim garantido: as aspirações e expectativas populares são variadas, contraditórias, freqüentemente

* São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

** Graduado em Ciências Sociais pela Unesp/Marília e mestrando em Ciência Política pela Unicamp. End. eletrônico: pedrohces@hotmail.com

divididas entre uma exigência de liberdade e uma demanda de segurança. A função específica da política consiste articulá-las e conjugá-las por meio de um futuro histórico cujo fim continua incerto (Bensaïd, 2008: 31).

O teorema subsequente toca frontalmente em um dos assuntos mais caros e controversos da esquerda revolucionária atual. Com o título “A luta de classes é irreduzível às identidades comunitárias”, as páginas que seguem almejam pensar a noção de classe operária à luz da realidade atual. A premissa escolhida é interessante: assevera que o conceito “classe operária” não é uma estrutura imóvel nem uma categoria definitiva, mas um fenômeno histórico que não se cristaliza em um momento particular de seu desenvolvimento.

A premissa é pertinente à substância do conceito, uma vez que o filósofo francês interpela os asseclas da pós-modernidade, para quem não haveria mais espaços para classes sociais, em virtude da inapelável ultra-fragmentação social. Como resposta, o autor atesta que a conjuntura política pendular – pois ora obnubila, ora clarifica – não representa o obscurecimento total da consciência de classe que, por sua vez, implicaria no desaparecimento das classes e de suas lutas. Ademais, mostra através da correlação de forças que a própria burguesia, favorecida pela idéia da pós-modernidade, está o tempo todo se reestruturando para se manter no poder contra a classe operária.

O terceiro teorema põe em relevo a globalização mercantil enquanto revestimento da dominação imperialista. Firma sua posição através da idéia de um Imperialismo *continuum*, distante da idéia de um mundo plano e mais homogêneo, como afirmou o jornalista e ideólogo neoliberal Thomas Friedman em seu último livro *O mundo é plano* (2007). A continuidade imperialista se dá pela necessidade de acumulação de capital e de seu desenvolvimento desigual; ou seja, para o autor, a globalização não é nada mais que outra forma imperialista.

A atualidade do texto é notável. Ao abordar a questão das guerras do Golfo e dos Bálcãs, o autor já salientava o novo discurso imperialista; aquele pautado pela cruzada ética pregada por governos ocidentais fundamentados na “guerra justa”, que traria em seu bojo os germes da democracia ocidental e a liberdade de mercado. De fato, percebe-se o aprofundamento de tal política no decurso dos últimos decênios, sobretudo a partir da vitória eleitoral de George W. Bush e sua equipe formada por intelectuais neoconservadores, tendo a invasão do Afeganistão e Iraque como os exemplos mais recentes.

Crítico da direita e daqueles que se imaginam à esquerda no espectro político, Bensaïd tece ácidas considerações sobre o discurso humanitário em geral, não obstante suas variações. Leva em conta seus limites que, no afã de tomar partido das vítimas, interpreta-as como objetos de compaixão e não sujeitos de sua própria emancipação. E alerta: “O movimento (humanista) se encaixou no molde preparado para ele” (BENSAÏD, 2008: 63).

Outro tema de igual importância é a privatização do mundo. Despotismo de mercado, índices da Bolsa e privatização: essas são as chaves de leitura para a compreensão desta faceta da realidade. O autor vai mais longe, pois acusa uma antinomia entre a pretensão de universalidade do capitalismo e os interesses particulares do capital, fato que pode ser visto, por exemplo, nos dizeres de Noam Chomsky acerca da democracia: “o movimento livre dos capitais cria o que alguns chamaram um “parlamento virtual” de investidores e credores que controlam de perto os programas governamentais e “votam” contra eles, se os consideram “irracionais”, quer dizer, se são em benefício do povo e não do poder privado concentrado” (Chomsky, 2004).

O penúltimo teorema, “Quaisquer que sejam as palavras para expressá-lo, o comunismo é irreduzível às suas falsificações burocráticas” (2008: 71), polemiza com a corrente liberal acerca do fenômeno stalinista e sua origem. Para estes, o germe da ditadura de Joseph Stalin foi forjado pelas elaborações teóricas de Marx e Lenin, de sorte que o comunismo seria, inevitavelmente, aquilo que foi. Ao contrário da interpretação fatalista aventada acima, Bensaïd compreende o Stalinismo como uma contra-revolução burocrática enraizada em contradições sociais colossais, capaz de ser explicada somente pelo estudo rigoroso do processo histórico. Apesar da legitimidade de sua posição, a linha de raciocínio do autor, calcada principalmente na crítica ao burocratismo, esmaece os outros aspectos problemáticos presentes na experiência soviética, como a ineficiência da estatização absoluta dos meios de produção, a repressão estatal, além da própria exploração dos trabalhadores, que obstaculizaram a criação e o desenvolvimento de um Estado operário.

O último teorema tem como alvo central a pós-modernidade. Tecendo um paralelo entre os discursos da modernidade e da pós-modernidade, o autor afirma que a segunda aparece com um protesto recorrente contra a primeira, contra a matematização do espaço e do tempo, contra o despotismo do mapa e cronômetro, contra os efeitos da urbanização maciça e do trabalho forçado. Ademais, ela expressa uma revolta contra a fé secular no sentido da história e na ordem do progresso. Até este ponto, não há grandes novidades, mas o aspecto criativo contido nas páginas do livro é o seguinte:

No entanto, uma grande narrativa sobrevive ao fim anunciado do Sujeito com S maiúsculo e de sua narração épica: a do Capital ventríloquo, sujeito tirânico impessoal na cena desolada do mundo. Os indivíduos são, à sua revelia e contra a sua vontade, os órgãos e os membros deste. A ideologia dominante se perpetua, assim, no fim proclamado das ideologias (Bensaïd, 2008: 86).

Parece que Daniel Bensaïd atinge seu objetivo com seu livro conciso, pois é capaz de polemizar criativamente alguns dos temas fundamentais do marxismo, sejam questões históricas – como o fenômeno stalinista – sejam assuntos atuais – como a pós-modernidade e a globalização mercantil.

Bibliografia

- BENSAID, D. (2008). *Os irredutíveis: Teoremas da resistência para o tempo presente*. São Paulo: Boitempo editorial.
- CHOSMKY, N. (2008). A cara antidemocrática do capitalismo. *Agência Carta Maior*. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15292. Acesso em 19 de dezembro de 2008.
- FRIEDMAN, T. (2007). *O mundo é plano: uma história breve do século XXI*. Rio de Janeiro: Objetiva.